

---

# EDITORIAL

---

## PALAVRAS DO EDITOR

“Não é a vontade de vencer que importa – todo mundo tem isso. O que importa é a vontade de se preparar para vencer.”

**Paul Bear Bryan**  
t técnico de futebol americano

Prezados Leitores,

Com a proximidade da realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, o país vive tempos *sui generis*. Como por mágica os problemas e dificuldades nacionais entram em suspensão: transporte, renda, saúde e educação saem da pauta de reivindicações populares para dar lugar ao ufanismo da torcida brasileira. Só importa a seleção Brasileira.

Crédulo nos talentos futebolísticos inatos que teriam sido concedidos aos brasileiros pela nacionalidade, o povo acredita e confia na vitória. Nossa seleção é a melhor do mundo e merece a Copa pelo direito de nascimento. Mas este direito nem sempre é reconhecido pelo adversário. Na derrota dedos são apontados, culpados responsabilizados, punições aplicadas. A conclusão é inevitável: só não ganhou porque não se esforçou no campo. É comum escutar que os jogadores “não correram o bastante”.

Mas é execução que está o problema?

Vejam a abordagem nacional à necessária preparação para receber as esquadras visitantes. Falta pouco mais de um mês para o começo de certame e ainda existem estádios em obras. E os estádios são só o centro dos acontecimentos, o foco das câmaras de TV. Sistemas de transporte, de telecomunicação, aeroportos, equipes de emergência etc, todos estão funcionando de forma precária. Decisões desesperadas, como a enxurrada de feriados e pontos facultativos, visam conter a falta de recursos para atender a sobredemanda mantendo as atividades normais do cotidiano dos cidadãos.

A desvalorização do preparo e do planejamento faz parte da cultura nacional. E quanto mais distante no tempo é esperado o resultado, menos valorizada a preparação.

É o caso da educação. É interessante como escolas serão colocadas em “férias” ou em “recesso”, resolvendo um problema no presente, criando um problema no futuro.

A visão imediatista desmotiva e desestimula o investimento de recursos – pessoal, dinheiro etc – nas escolas, professores e pesquisadores. A falta de reconhecimento da sociedade aos integrantes do sistema educacional torna a pesquisa claudicante e a produção acadêmica é frágil.

Mas chega de lamentações. Chegamos a mais uma edição da nossa revista compartilhando com o mundo acadêmico as competências e possibilidades do conhecimento de planejamento, controle e gestão. Vamos torcer pela seleção brasileira enquanto preparamos o próximo número. Até lá.

**Décio Santiago da Silva Jr.**  
**Editor**